

# RODA DE RUA: NOTAS ETNOGRÁFICAS A RESPEITO DO JOGO DA CAPOEIRA ENQUANTO FENÔMENO SOCIOCULTURAL URBANO

## RODA DE RUA: ETHNOGRAPHIC NOTES ABOUT THE GAME OF CAPOEIRA AS URBAN SOCIOCULTURAL PHENOMENON

*Robson Carlos da Silva*

Professor da UESPI (Universidade Estadual do Piauí). Mestre em Educação pela UFPI (Universidade Federal do Piauí). Coordenador do Projeto de Extensão "Capoeira nos Espaços universitários (UESPI). Orientador de projetos de pesquisa PIBIC/UESPI e Coordenador do curso de Pedagogia (UESPI).

### Resumo

O texto aborda a Roda de Rua de Capoeira, da cultura brasileira, enquanto fenômeno sociocultural urbano e espaço democrático de circulação de aprendizagens, tendo como principal fonte o registro de notas etnográficas realizadas a partir de uma vivência de 30 anos de prática dessa cultura, em diversas rodas de capoeira pelo Brasil e no mundo, envolvendo a percepção e o entendimento de inúmeras vertentes e tradições da capoeira. O artigo conta com as contribuições teóricas de Foucault (2004), Goldenberg (2005), Oliveira (2003), Silva (2005), Vasconcelos (2006), dentre outros e se posiciona a favor do potencial formador das práticas culturais populares enquanto práxis educacionais não formais.

Palavras-chaves: Capoeira; Cultura; Educação não-formal.

### Abstract

The text addresses the Capoeira Roda de Rua, Brazilian culture, socio-cultural phenomenon as urban, democratic space for movement of learning, with the primary source the ethnographic record of notes made from an experience of 30 years of practice that culture in several capoeira in Brazil and the world, involving the perception and understanding of many aspects and traditions of Capoeira. The article includes the theoretical contributions of Foucault (2004), Goldenberg (2005), Oliveira (2003), Silva (2005), Vasconcelos (2006) among others points and stands in favor of the formative potential of popular cultural practices as educational praxis informally.

Keywords: Capoeira. Culture. Non-formal education.

## Introdução

O presente texto traz reflexões sobre a "roda de capoeira", aqui enfatizada enquanto fenômeno sociocultural da cultura educacional não-formal, praticado em espaços públicos e privados das cidades brasileiras. Partindo de uma vivência de 30 anos de prática da capoeira, iniciada aos 15 anos de vida, a capoeira é uma atividade significativa em nossa vida, resultando na Dissertação de Mestrado, realizada e defendida no Programa de Mestrado da Universidade Federal do Piauí, em fevereiro de 2005, com o título "*As Representações Político-Culturais da Capoeira nos livros didáticos de História: uma abordagem a partir da teoria dos Estudos Culturais*". Entendemos que a capoeira favorece a construção de um sentimento identitário de "brasilidade" e que pode contribuir para uma maior compreensão sobre a cultura e o jeito de ser o brasileiro, entendimento que fomos adquirindo na vivência da capoeira e nas leituras do campo da cultura e na própria fundamentação teórica sobre a capoeira, fruto dos escritos de capoeiristas e de estudiosos de vários campos do conhecimento que voltam seu olhar para a capoeira.

12

Assim sendo, podemos denominar as reflexões que fazemos neste texto, dialogando com Goldenberg (2005), de notas etnográficas sobre a capoeira, por tratar-se de relatos originados a partir de uma imersão pessoal no fenômeno investigado, convivendo com as pessoas envolvidas na atividade, apropriando-se dos códigos culturais dos grupos constituintes, a ponto de confundir-se ou mesmo tornar-se um membro desses grupos. Em nosso caso, em particular, além desses aspectos, avançamos no sentido de contribuirmos diretamente na formação, difusão e institucionalização do grupo do qual fazemos parte, bem como da prática da capoeira de forma geral em nosso estado, em outras comunidades fora do estado e, até mesmo, no exterior<sup>1</sup>.

A capoeira constitui-se em uma simbiose de diversas manifestações, envolvendo, em uma única prática, arte, dança, luta, música, canto, poesia, espaços de aprendizagens, teatralidade (VASCONCELOS, 2006), história, dentre outros aspectos, numa mistura de expressões e gestos que formam uma espécie de jogo<sup>2</sup>, de disputa marcada pela malícia, agilidade, velocidade e força cinégetica dos contendores. É uma cultura, ou artefato cultural (SILVA, 2002), utilizada historicamente como instrumento de resistência, do povo negro africano, escravizado no Brasil, contra a política de opressão implementada pelos senhores de engenho.

Segundo Silva (2005), sua origem é controversa. Alguns estudiosos e praticantes defendem que sua origem é africana, aqui trazida pelos primeiros negros escravizados como mão-de-obra escrava, em sua maioria da etnia *Bantu*, da região de Angola.

Por outro lado, existem aqueles que defendem sua origem brasileira, sendo aqui desenvolvida pelo povo negro africano escravizado, enquanto instrumento de defesa e resistência contra o estado opressivo imposto a estes. Nasceu e se desenvolveu a partir da necessidade e da ânsia por libertação, originando-se de uma fusão de culturas africanas, de aspectos ritualísticos, gestuais e musicais da cultura desse povo, se constituindo em uma cultura única, com aspectos característicos bem diversos das possíveis manifestações que lhe deram origem, daí seu forte caráter de prática educacional popular. Atualmente, esta é a teoria mais aceita nos estudos sobre a capoeira.

Os defensores da teoria amparam-se em relatos de estudiosos e mestres de capoeira no Brasil que tiveram oportunidade de viajar ao continente africano e, lá chegando, não encontraram nenhuma manifestação igual à capoeira. Identificaram, na cultura e no jeito daquele povo, vários aspectos que poderiam ser pontuados e identificados na capoeira, como a ginga, a musicalidade e muitos tipos de gestos, porém sem a complexidade da prática da capoeira em seus princípios básicos e rituais, como por exemplo, a organização da roda, a conformação dos instrumentos, as posturas dos praticantes, os cantos, os "estilos" de jogo da capoeira, dentre outros.

No entanto, ao largo das discordâncias sobre sua origem, um aspecto é comum a todos as pesquisas e estudos sobre a capoeira: seu desenvolvimento se deu nas ruas, nos espaços livres existentes nas localidades rurais do Brasil Colônia, assim como nas ruas dos centros urbanos da época do Império (SOARES, 2002), ou seja, a capoeira nasceu no meio do povo, se originou e se constituiu enquanto cultura "popular"<sup>13</sup>, carregada de aspectos identitários significativos do sentimento de brasilidade.

## A roda de rua

Ao longo dos anos, na história da capoeira, a organização do espaço de prática da capoeira em forma de círculo, composto por praticantes e assistentes, e com dois contendores jogando ao centro, realizada em espaços públicos das cidades como praças, praias, mercados públicos, cais de

portos, dentre outros, foi se transformando em uma tradição e ficou conhecida, até os dias atuais, como "roda de rua", constituindo-se assim em um espaço de manifestação pública supostamente democrático<sup>4</sup>, devido ao fato de que qualquer pessoa pode participar da roda, mesmo aquele que apenas admira e queira conhecer e se divertir jogando a capoeira.

Geralmente, a roda de rua é organizada por um mestre, professor ou aluno graduado ligado a algum grupo de capoeira (constituído, em constituição ou a ser constituído) ou mesmo por um capoeirista desvinculado de qualquer grupo, os chamados "capoeiristas de rua".

O ritual que permeia o desenvolvimento de uma roda de capoeira de rua é basicamente o mesmo de uma roda de capoeira realizada nos espaços de treinos dos capoeiristas, tais como academias, clubes sociais, escolas, quadras de esportes, salões de associações, dentre outros espaços em que se pratica a capoeira, pois, tradicionalmente, todo treino de capoeira termina com uma roda, seu ponto culminante e momento de encerramento das atividades.

A convivência nas rodas de capoeira, desde 1979<sup>5</sup>, nos permite afirmar que a diferença básica da roda de academia para a roda de rua está no "clima" proporcionado, na "energia" presente numa roda de rua em que, diferentemente da roda de academia (ou de treino), qualquer pessoa pode participar, sem necessitar se identificar, com o uso de qualquer vestimenta, inclusive sendo este um dos aspectos mais característicos da roda de rua, o que numa academia não acontece, pois na roda de rua, é importante ressaltar, mesmo sendo esta sempre organizada por um mestre ou um responsável específico, todos podem participar, de qualquer grupo, estilo de jogar, segmento ou ideologia.

Nas rodas de academia, ou mesmo em rodas de exibição<sup>6</sup>, além do controle de um mestre ou responsável, geralmente somente os componentes do grupo que organiza a roda, devidamente uniformizados, podem participar, exceto quando algum grupo, ou componente de algum grupo, aparece para uma visita ao espaço de treino, mesmo assim sob determinadas condições e efetivo controle do responsável pelo espaço, principalmente com a exigência do uso do uniforme identificando a qual grupo pertence, evitando possíveis "surpresas" causadas por desavenças ou excesso de algum praticante.

O certo é que, muito embora a roda de capoeira realizada em espaços reservados para os treinos se constitua em um momento de prática livre da capoeira, podendo envolver uma grande diversidade de pessoas, sempre existe certa forma de controle e de imposição de determinadas

normas que, às vezes, estão acima do controle e da vontade dos responsáveis pelos treinos, visto que nesses espaços, em sua maioria espaços privados, existem seus próprios códigos de funcionamento.

Por outro lado, nas rodas de rua, os elementos simbólicos da capoeira estão presentes e circulam livremente em todos os aspectos que envolvem esse tipo de evento, causando uma múltipla gama de reações nas pessoas que assistem à roda: em alguns casos, estranheza; em outros, perplexidade; em outros, ainda, fascínio; porém, em todos os casos, percebe-se a falta de um entendimento aprofundado a respeito dos muitos "diálogos" que se realizam durante toda a duração da roda.

## **Fundamentos e elementos do jogo da capoeira: o olhar, a palavra e o poder**

Assim como em algumas culturas negras, para se entender a capoeira, para se compreender os significados de seus movimentos, o diálogo corporal e gestual presente no jogo da capoeira, é necessário desprender-se da lógica do pensamento ocidental que orienta nossa forma de se relacionar com e na sociedade atual.

Na capoeira, não podemos apreender seus significados de forma direta e pragmática, faz-se necessário ver além do material, do visual, além do que nossa visão pode enxergar e tentar "ver" com os olhos do "espírito", do não-material.

Alguns dos elementos da cultura africana, trazidos pelos vários povos que aqui chegaram como escravos, podem ser identificados claramente no jogo da capoeira, notadamente na roda de capoeira e, mais especificamente, pelo caráter público e popular da roda de rua.

O universo, na concepção do africano, é composto por tudo o que se manifesta ou oculta, não podendo ser compreendido enquanto simples relação entre o visível e o invisível, o subjetivo e o objetivo, visto que a realidade encontra-se para além das aparências, numa visão unificada que tende a harmonizar o mundo natural e o mundo social, num todo que envolve a tudo e a todos, interligando todas as coisas (OLIVEIRA, 2003).

Esta concepção está presente na tradição da capoeira e se evidencia na postura de seus praticantes, na decifração e atendimento de seus códigos, quando tentam explicar em que se constitui o jogo da capoeira e

não encontram elementos para significar essa prática. Pois a capoeira, a partir da compreensão africana de universo, envolve uma dinâmica de totalidade, de todo, de completude, ou seja, quem não entende a capoeira, tende a querer explicá-la por meio de alguma de suas características isoladas, daí as várias denominações reducionistas atribuídas à capoeira, tais como dança, luta, brincadeira, dentre outras.

No entanto, para os praticantes e entendidos da capoeira, a sua essência encontra-se no "jogar" a capoeira, não concebendo sua prática de forma isolada a partir de algum elemento que a compõe, sendo que, muitos dos mestres antigos quando solicitados a definir a capoeira tendem a responder: "Capoeira é Capoeira!" (LOPES, 1994, p. 54).

Outro elemento da cultura negra presente na capoeira é a palavra, entendida como força que anima e vitaliza o homem, energia capaz de gerar coisas (OLIVEIRA, 2003).

Podemos identificar a palavra como elemento central na capoeira, notadamente na força que exerce por meio do canto, elemento essencial e indispensável na prática da capoeira. Muito do que é feito na capoeira, antes é dito e firmado por meio das palavras. Os feitos dos capoeiras antigos, suas histórias, conquistas e desafetos, os desafios, os avisos, tudo é traduzido por meio das palavras e expressado nos cantos e cantigas da capoeira. Portanto, a palavra constitui-se em outro elemento da cultura negra presente no universo da roda de capoeira, revelando, para os mais atentos, aspectos além do perceptível.

Finalmente, podemos destacar, dentro dos limites deste texto, o elemento "poder", entendido segundo Oliveira (2003, p. 60) como "[...] o exercício calcado na tradição para garantir o bem-estar para a sociedade [...], instrumento da tradição dos ancestrais para perpetuar [...] a ordem do sagrado [...]". O poder hierárquico está presente na capoeira, como destacamos anteriormente, porém, e é aqui que pode estar o fio condutor para o entendimento da roda de capoeira como espaço democrático sociocultural urbano, percebe-se que esta relação de poder, na maioria das vezes, não se configura enquanto relação de mando, de autoritarismo unilateral, existindo uma consciência coletiva dos praticantes da capoeira em relação a um respeito ancestral à figura do mestre, numa espécie de legitimação e aceitação de seu poder, visto que esta forma de poder é própria das relações espontâneas que são construídas no seio dos grupos populares e somente é concedida às pessoas que, de certa forma, viveram e vivem experiências significativas dentro do grupo, conquistando o respeito e a admiração por sua conduta no que diz respeito às estratégias

de liderança, às competências que desenvolve e que consegue transmitir para as pessoas do grupo, à capacidade de ponderar e emitir juízos de valor sobre assuntos pertinentes às práticas do grupo, dentre muitos outros aspectos.

O que deve ficar evidente nesta análise é que de forma alguma defendemos a não existência de relações de poder nos grupos de capoeira, aliás, acreditamos, ancorados nas idéias de Foucault (2004), que o poder está bem presente em todas as relações sociais das sociedades modernas, bem configurado e exercido nas instituições e diretamente relacionado com a produção da verdade, podendo ser identificado enquanto mecanismo de controle, não mais somente atrelado ao aparelho de Estado, mas no nível cotidiano, numa rede de poderes moleculares ("microfísicos") espalhados por toda sociedade, onde todos podem estar exercendo o poder ao mesmo tempo.

Assim sendo, as relações de poder estão sim fortemente presentes na capoeira, pois o próprio Foucault (2004) afirma que o poder não existe somente na forma de repressão e que pode se configurar como disciplinador e normalizador e, acreditamos serialmente, que na capoeira, a partir das reflexões feitas anteriormente, o poder do mestre, por exemplo, tem uma função muito mais disciplinar e normativa, no sentido de que as pessoas vão ao encontro, à procura dos grupos de capoeira e neles se inserem enquanto componentes conscientes de sua escolha por determinado grupo, pela linha de pensamento que segue, pelo estilo de capoeira que ensina a jogar, pela representatividade exercida pelo grupo no contexto social em que está inserido, e assim são muitos os aspectos que influenciam na escolha das pessoas em fazer parte de determinado grupo de capoeira.

Porém, nesse complexo jogo de opções, aparece fundamentalmente a figura do mestre de capoeira, é ele quem, de certa forma, interfere diretamente na escolha das pessoas por determinado grupo de capoeira, seja por carisma ou em busca de afirmação<sup>7</sup>, assim como são muitos os novos grupos de capoeira que surgem atualmente a partir de dissidências entre seus componentes, levando alunos mais graduados e já com uma boa formação na capoeira a formar seus próprios grupos, levando muitos componentes consigo, o que evidencia dois aspectos, em nossa concepção: primeiro, e ainda com Foucault (2004), que onde há poder existirá, também, resistências, dissidências, contraposições, pois nenhuma forma de poder é total; e em segundo, e a partir desse primeiro aspecto, que a forma como o mestre exerce sua condição de poder dentro do grupo de capoeira deve ser orientada a favor de ganhos

para coletividade de pessoas que formam o grupo, sob pena, como podemos perceber bem nitidamente na história da formação e desenvolvimento dos grupo de capoeira no Brasil, de assistir ao desmonte e esvaziamento dessa sua condição.

Por trás das falas de muitos mestres antigos de capoeira (LOPES, 1994), podemos identificar a concepção de que o verdadeiro mestre de capoeira, revestido em sua posição de poder, deve exercer esse poder pensando no coletivo, visto que sua condição de mestre está relacionada muito mais à questão da experiência, da vivência cotidiana, que traz efeitos práticos na cultura ancestral de cada grupo, na posse de uma sabedoria que foi ensinada e perpetuada por gerações e acaba por se transformar na cultura desse grupo; então, no entendimento desses mestres antigos, o seu poder disciplinador deve se expressar de forma coletiva, deixando seus discípulos livres para desenvolver suas próprias formas de "jogar" e futuramente ensinar a capoeira, procurando garantir que seus discípulos perpetuem seus ensinamentos a partir da compreensão e do respeito à ancestralidade, contribuindo, assim, para que a capoeira renove sua força no ensino dos mais velhos, dos antepassados, presentes hoje na fala, nos cantos, nas estórias da capoeira.

## **Da margem para o centro: a capoeira nas cenas públicas dos centros urbanos**

Nos trabalhos de Karasch (2000), Soares (1994, 2002) e Vieira (1995, 1998; 2004), podemos perceber que a capoeira, durante todo o século XIX, dominou a cena urbana das grandes cidades brasileiras, em especial Rio de Janeiro, Salvador e Recife, transformando-se em um fenômeno social que causou pânico na população e nas autoridades da época, fartamente documentada em jornais e documentos da polícia que, ao mesmo tempo, criticavam a ação dos capoeira e exaltavam os feitos dos praticantes dessa arte, os temíveis "capoeiras" como ficaram conhecidos, numa simbiose de resistência popular e cooptação pelos poderes políticos dominantes.

Todo esse processo desencadeou uma política de perseguição à capoeira, no contexto de discriminação e perseguição a qualquer manifestação negra no país, chegando quase à sua extinção. A capoeira resistiu, porém sumiu das cenas sociais urbanas, se esgueirando pelos morros, favelas, quintais e espaços da periferia dos grandes centros, numa espécie

de tática de renovação de forças, de tomada de fôlego, para, aos poucos, retomar seu espaço nas cenas públicas urbanas.

O certo é que, aos poucos, notadamente no início dos anos 70 do século XX, a capoeira já está fortemente presente nos espaços sociais urbanos das cidades brasileiras, como uma cultura popular de manifestação pública e de caráter "folclórico", mais para atrair a presença das pessoas e conseguir dinheiro, numa prática conhecida como "passar o chapéu"<sup>8</sup>, prática que, no entendimento de muitos capoeiristas, desvirtuou a verdadeira essência da capoeira, levando muitos grupos de capoeira a proibirem seus adeptos de realizarem ou participar dessas rodas. Vale ressaltar que a capoeira sempre realizou rodas na rua, porém em anos idos, como também podemos identificar em Soares (2002) e Vieira (1995), não tinha o caráter de demonstração pública, mas estava atrelada a uma tradição cultural de se jogar na rua, de conhecer outros capoeiras e realizar "embates" com eles, era um espaço em que os capoeiras, na época sem ligação com grupos, poderiam fazer fama, demonstrar suas habilidades e perpetuar o seu nome no mundo da capoeira e, não raras vezes, no espaço social mais amplo.

Nos últimos anos, a capoeira continua presente nas ruas das grandes cidades brasileiras, mas, a partir do significativo aumento de pesquisas e produções acadêmicas sobre a capoeira, com o surgimento de muitas pessoas conscientes da importância que a capoeira assume no conjunto das manifestações culturais do Brasil, sua relevância na história das lutas contra a escravidão e contra o jugo dominante exercido sobre as classes populares em nosso país, bem como a forma como a capoeira hoje é difundida pelo mundo afora, contribuindo para a difusão de nossa cultura e em especial da língua portuguesa<sup>9</sup>, a roda de rua deixa de lado o aspecto de exibição pública para arrecadar dinheiro e retoma sua função de espaço público de prática da capoeira, resgatando, para as rodas, os velhos mestres e criando espaços de aprendizado da capoeira por meio do "jogar", da expressão livre de cada capoeirista do seu jeito de jogar capoeira, seu estilo, sua forma de interpretar e dialogar com outros capoeiras, enriquecendo sua prática e contribuindo para o desenvolvimento das tradições e fundamentos da capoeira.

Portanto, pelo exposto até o momento, penso que ficam evidentes alguns elementos do caráter público e da energia envolvente presentes na capoeira e que podem, mais efetivamente, ser identificados nas rodas de rua. São elementos que podem contribuir para explicar a magia presente nessa manifestação, que há muito tempo vem fazendo história como fe-

nômeno sócio-urbano brasileiro, se expandindo, como já ressaltado, pelo mundo afora.

Não é raro ver, em qualquer centro urbano do Brasil, a formação de significativo ajuntamento de gente para assistir às rodas de rua de capoeira. Existe uma espécie de magia que atrai as pessoas que vão passando, param envolvidas pela cadência forte dos sons e dos ritmos associados à beleza plástica dos movimentos corporais dos capoeiras que parecem desafiar a gravidade, ficam um pouco, assistem e se vão, num constante processo de alternância do público.

A roda de rua é, portanto, um fenômeno social, marcado por aspectos de forte conotação de educação não-formal (CENDALES e MARIÑO, 2006), de manifestação pública própria de nossa cultura, transformada em tradição no Brasil, como podemos constatar nas "famosas" rodas do Mercado Modelo na Bahia, roda do Ibirapuera em São Paulo, roda da Penha no Rio de Janeiro, roda da Torre em Brasília, dentre muitas outras pelo país afora<sup>10</sup>.

São muitos e significativos os aspectos que permeiam o universo de uma roda de rua, fornecendo material para estudos e pesquisas, notadamente no campo da Antropologia, da História, da Sociologia e da Educação em suas interfaces com cultura, principalmente nos dias atuais, em que o Governo Federal propõe a resgatar o valor histórico e identitário da capoeira enquanto patrimônio cultural do Brasil, desenvolvendo um programa de valorização dos mestres da capoeira por meio do resgate de sua história de vida, assim como o incentivo e fomento ao desenvolvimento de projetos sociais com a capoeira e da produção de material escrito e documentário que possa contribuir para este resgate<sup>11</sup>.

## Considerações finais

Após as reflexões propostas neste artigo, sabidos que somos de sua brevidade, esperamos contribuir para a abertura de novos espaços para se discutir e conhecer um pouco mais sobre a capoeira e seus aspectos fundamentais enquanto práxis educacional não formal, notadamente por seu caráter simbólico, que vai além do aparente, escondendo e revelando suas faces, indissociáveis e constituintes de um "todo", expressão de liberdade e de fortalecimento de identidades, da identidade brasileira, do conhecimento popular, do povo simples, porém sábio.

A capoeira, pressionada pelos poderes públicos e particulares dominantes, soube sair de cena no momento certo, para, esquivando-se dos tempos ruins, resistir e renovar-se por meio de sua força vital, expressa na "malandragem", na malícia, na mandinga do capoeira e perpetuada por meio dos cantos e das histórias da capoeira.

Assim sendo, podemos afirmar que a capoeira resistiu e continua viva, mesmo diante das opressões e perseguições históricas que foram se estabelecendo contrárias à sua manifestação, e consegue se (re)afirmar enquanto fenômeno sociocultural dos espaços públicos urbanos do Brasil contemporâneo, notadamente por meio da roda de rua.

## Referências

CENDALES, Lola e MARIÑO, Germán. **Educação não-formal e educação popular: para uma pedagogia do diálogo cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 20. ed. São Paulo: Graal, 2004.

GOLDENBERG, Mirian. **De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro: 1808-1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOPES, André Luiz Lacé. **Administração esportiva, administração pública e outras administrações**. Brasília: DEFER/CIDOCA, 1994.

OLIVEIRA, Eduardo. **A Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afro-descendente**. Fortaleza-CE: J.C.R, 2003.

SILVA, Robson Carlos da. **As Representações político-culturais da Capoeira nos livros didáticos: uma abordagem a partir da teoria dos Estudos Culturais**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A Negregada Instituição: Os Capoeiras no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Capoeira Escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. 2 ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2002.

VASCONCELOS, José Gerardo. *A Dança do bêbado: embriaguez e teatralidade na arte da capoeiragem*. In: VASCONCELOS, José Gerardo; SALES, José Albio Moreira. (orgs.). **Pensando com arte**. Fortaleza: Edições UFC, 2006. p. 120-136.

VIEIRA, Luiz Renato. **O Jogo da capoeira: corpo e cultura popular no Brasil**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

\_\_\_\_\_. De prática marginal à arte marcial brasileira. **Revista Capoeira**, São Paulo, n. 3, ano I, p. 42-43, set./out. 1998.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a capoeira e escravidão urbana no Brasil. **Revista Praticando Capoeira**, São Paulo, n. 26, ano III, p. 10-13, set. 2004.

## Notas

22

- <sup>1</sup> No ano de 2002, participamos de um encontro de capoeira na Venezuela e em 2009 na Noruega e Itália, organizando Encontros Internacionais de capoeira, eventos que demonstram a expansão, difusão e aceitação da Capoeira, cultura eminentemente brasileira, em inúmeros países e culturas diversas pelo mundo.
- <sup>2</sup> Os praticantes da capoeira utilizam a expressão "jogo" para designar sua prática, variando este de acordo com o ritmo e a cadência dada aos instrumentos que compõem a Roda de Capoeira.
- <sup>3</sup> Tomamos o termo "popular" em referência a povo, por tratar-se de uma manifestação que nasceu e se desenvolveu no espaço público, criado pelas pessoas em suas ações cotidianas, de forma espontânea, no seio dos movimentos sociais, contrário a qualquer espécie de classificação hierárquica ou de natureza valorativa e comparativa, em oposição, por exemplo, ao sentido de "cultura de massas" (VIEIRA, 1995).
- <sup>4</sup> Um aspecto que deve ser discutido, aprofundado e melhor esclarecido para o entendimento dos capoeiristas, diz respeito ao costume de se determinar o espaço da roda de capoeira ser um dos espaços sociais mais democráticos, onde qualquer pessoa pode participar livremente, independente de sua condição social, econômica, cultural, étnica, bastando demonstrar interesse e vontade de participar, por isso mesmo recebe, comumente, a denominação de "roda livre", ocorrendo geralmente nos momentos de final das aulas ou em momentos especiais em

- que se organiza uma roda especialmente para se "jogar" a capoeira, seja em algum espaço particular ou em espaços públicos. Devemos atentar, no entanto, para o fato de que mesmo nas rodas de capoeira existem posições hierárquicas de poder bem definidas, presentes nas relações entre mestre e discípulo, professor e aluno, aluno mais graduado e aluno iniciante, dentre outros. É um aspecto que necessita futuros estudos que fomentem novas discussões.
- 5 Para uma leitura mais aprofundada a respeito de nossa experiência na capoeira, ver Silva (2005).
  - 6 As rodas de "exibição" são aquelas realizadas de forma específica em algum evento, solenidade ou algum espaço institucional, visando à divulgação da capoeira; são momentos de demonstração pública ou privada das potencialidades da capoeira, enfatizando suas características básicas e servindo como uma espécie de "propaganda" da capoeira, especialmente para a conquista de novos adeptos.
  - 7 Na capoeira, é muito presente o entendimento, por parte de seus praticantes, de que existem certos mestres que conseguem "formar" melhores alunos, que dirigem os grupos mais "fortes", "maiores" e "melhores", levando muita gente a escolher fazer parte do grupo, não por carisma pelo perfil de seu mestre, mas pela representação de eficiência e de poder atribuídas socialmente a estes grupos.
  - 8 "Passar o chapéu" significa que um componente da roda de capoeira apanha um chapéu (pode ser outro objeto, como um pandeiro, uma cabaça etc) e o faz circular entre as pessoas que estão assistindo à roda, solicitando que estas contribuam com qualquer quantia para os capoeiras que estão se exibindo na roda.
  - 9 Atualmente, são muitas as pessoas de outros países que procuram aprender a língua portuguesa para melhor dominar os fundamentos da capoeira, tais como os nomes dos movimentos, as falas que transmitem os conhecimentos, conhecer e cantar as músicas e cantigas da capoeira, entender o processo histórico de criação e desenvolvimento da capoeira, dentre outros aspectos, numa prática interessante, e que merece maiores estudos, de difusão da língua portuguesa e de aspectos identitários de nossa cultura.
  - 10 No Piauí, tivemos por muitos anos a realização de uma roda de rua que fez fama, a roda de 07 de Setembro, que reunia os principais nomes da capoeira do estado e era realizada na manhã do dia 07 de Setembro, no adro da Igreja de São Benedito, por ocasião das festivi-

dades em comemoração ao dia da Independência do Brasil. Essa roda foi ideia do Grupo Quilombo de Capoeira, o qual criamos e de que fizemos parte, e servia para manter viva a tradição da roda de rua, reunindo grupos de capoeira e capoeiristas das mais diversas vertentes, inclusive de outros estados, por duas décadas aproximadamente. Hoje, por meio dos esforços de algumas pessoas, tenta-se retomar a tradição dessa roda que, no limiar dos anos 2000, perdeu sua força, com o afastamento da maioria dos mestres e dos alunos mais graduados devido ao acentuado grau de disputa que se instalou, assim como o elevado número de novos grupos dissidentes que foram surgindo em Teresina, principalmente constituídos por capoeiristas novos e sem vivência no mundo da capoeira.

- <sup>11</sup> Para maiores informações, ver o site [www.capoeiraviva.org.br](http://www.capoeiraviva.org.br), do Ministério da Cultura.